

JOSÉ LINO DE MOURA (*)

(N. em 1775 — M. em 1854)

No cemiterio de S. Francisco do Paula (Rio de Janeiro) está sepultado José Lino de Moura, natural de Sabará (Minas Geraes) nascido em 1775.

Seu pae, o Dr. José Caetano Rolim de Moura, o mandou educar conforme os meios dos tempos coloniaes, e taes foram os seus progressos que em 1788 foi empregado na casa dos Contos.

Em 1808, á chegada da familia real, foi nomeado contador dos armazens da fazenda real; e na creação do Arsenal da Marinha foi incumbido da organização da contadoria geral; assim como na creação do Arsenal de Guerra onde deu provas de sua pericia, methodo e zelo no trabalho, pelo que foi agraciado em 1810 com a ordem de Christo, e com a circumstancia singular de ser condecorado perante todos os empregados, por assim o haver ordenado o principe regente.

Daquella epocha só consta-me dous casos desta especie de galardoar o merito, o do nosso finado consocio e o padre José Mauricio, a quem o senhor dos dous mundos condecorou com a sua mão em plena sorte.

Na creação da caixa da amortisação foi ainda empregado como contador, e nesse emprego se aposentou com honra e com louvor.

Na construcção do futuro ha homens que apparecem como mestres, e outros como operarios: a grande pericia em uma especialidade quando é acompanhada das virtudes da modestia e da probidade, serve de embaraço ao empregado, porque o egoismo dos superiores o condemna á perpetua escuridão.

Todo o empregado habil e modesto é mais um sentido e um membro de seus chefes.

(*) Por M. de A. Porto Alegre — discurso na sessão anniv. do Instit. Hist. em 15 de dezembro de 1855 a pag. 33-46 do Supplem. a *Revista Trimestral* — Tomo 18.

Ah! quantos nomes passam obscuramente na historia da administração, que deveriam andar em plena luz, e serem e'oraisados na praça publica por padrões esportivos!

O empregado zeloso e intelligente é a arteria vital do minist'orio; elle corrige e harmonisa os grandes planos com a medida da experiencia, com a pratica dos negocios.

Suspendo calamidades publicas por meio de razoaveis demonstrações; esmerilha o passado, e em cada dia recolhe uma somma que no fim do anno representa um capital enorme; estabelece a ordem; dá credito ao governo; torna a administração amada pela justiça, presta a urbanidade nos despachos; identifica-se com o serviço publico, e geme em todas as suas perturbações; e á sombra da sua probidade, da sua constancia, repousa o Estado e a Moral publicos.

Não barateia a sua vida á frente de um exercito, não é exercitado pelo amor da gloria, pelas aclamações da fama, mas deixa a esposa e os filhos no leito da morte pelo trabalho; e elle mesmo ardendo em fobre, mal podendo sustor-se, arrasta-se até o tellonio da repartição, caminha porque a honra o chama, porque o dever o impelle, porque o seu superior e o seu inferior descansam nolle e assim devora uma existencia cara no silencio e na meia luz.

A esta nobre familia do semi-proscripto pertenciu o nosso ilustre collega, de quem os fundadores desta associação ainda conservam a mais grata e feliz memoria.

Obreiro incansavel, desinteressado, trabalhou largos annos para a prosperidade da Sociedade Auxiliadora e para a criação do Instituto Historico, de quem foi o seu primeiro thesoureiro, abonados nas mais criticas circumstancias.

O Instituto vivia então sómente de seus mesquinhos recursos; ainda não tinha a immediata protecção imperial, nem a dos outros poderes do Estado; ainda não sonhava esta ora de um esplendor augusto que o torna á face do mundo intelligente a mais nobre de todas as associações litterarias.

Quando em 1838 fundamos o Instituto, faziamos as nossas sessões em uma sala baixa, escura e sem forro, despida de moveis e de todo o necessario.

Mas no meio desta pobreza tinhamos o coração ardente dos fundadores: as nossas sessões eram numerosas, e os nossos trabalhos o que mostra a *Revista*.

José Lino de Moura alli se via a animar os operarios do novo edificio e a estudar e promover os recursos materiaes para o augmento e progresso do Instituto; a sua bolsa estava sempre aberta, e nunca nos fez cesporar por uma impropriação qualquer.

Tenho saudades, meus nobres collegas, daquelles varões respeitaveis daquelles velhos, que, por amor da patria, se privavam do descanso e de seus cochegos nas horas do repouso.

Como eram alegres e bondosos aquellas faces venerandas do S. Leopoldo, do Conego Januario, do Rodrigo Pontes, do Aureliano, e como ellas se harmonisavam com a gravidade melancolica das dos nossos benemeritos fundadores José Silvestre Ribeiro, Thomé Maria da Fonseca, José Lino de Moura e o cens. José Antonio Lisboa!

Recordemos, de vez enquando, estes nomes sagrados para o Instituto, e fiquem de modo que os modernos e os extranhos os respeitem como nós, e assim venerem os primeiros lidadores que combateram os madraços, os apóstolos do regresso, os defensores da inocencia, capeada pela duvida, com este exemplo luminoso e triumphante.